

A ganância que mata (10/02/96)

Nair Lacerda

Colaboradora

Noticiam os jornais, de vez em quando, a descoberta de medicamentos falsificados, entregues ao consumo público em quantidades impressionantes. Ainda recentemente essas notícias referiram-se a antibióticos. O fato é divulgado, e logo depois faz-se silêncio sobre ele. Porque, se temos notícia de assassinios, fraudes, peculatos, estelionatos, transgressões de toda espécie e tipo, dificilmente chegamos a conhecer os resultados de inquéritos que, segundo consta, foram abertos, e bem pouco, ou nada sabemos do que se terá passado com os culpados, e quais foram as providências tomadas por que de direito para salvar os interesses do povo, e mais do que os interesses, a própria vida de cada qual.

O assassinio puro e simples, à mão armada ou à mão limpa, fruto de velho ódio, ou de súbito furor, inspirado pelo ciúme ou pelo despeito, consequência de roubo, assalto, bebedeira, mas assassinio

cara a cara, motivado, enfim pelo mais estúpido dos motivos que seja — tem uma explicação, embora não tenha justificativa nem desculpa. Há uma explicação até para o assassinio encomendado ao pistoleiro. O mandante odeia alguém. O instrumento não odeia, mas exerce uma atividade, e, exercendo-a, arrisca sua liberdade e sua vida. A falsificação de medicamentos, entretanto, é uma forma de assassinio a frio, sem alvo e sem motivação, é crime dos mais vis, porque cometido de emboscada segura, e num atirar às cegas, sem que se saiba quem vai ser ferido.

O falsificador, tornando inócuo o medicamento que a determinado instante será a salvação de uma vida, o amparo de um coração que declina, o guardião de um corpo que a infecção empurra para seu fim, está matando quem jamais viu, quem nunca prejudicou, consciente ou inconscientemente. Está matando sem ódio, sem paixão, sem motivo. Quer dinheiro, apenas, quer satisfazer sua ganância, e não tem coragem de procurar esse dinheiro no rou-

bo despejado, no roubo em que se pode ficar na mira de um policial ou do próprio roubado, no roubo que dá cadeia e escândalo e arruina um nome e uma existência, onde o ladrão se expõe no próprio momento em que o comete.

Não! Ele é demasiado inteligente para isso: sabe como matar e roubar sem que fiquem vestígios, sabe como matar e roubar a distância, bem protegido. Também matam, lenta e seguramente os que fornecem as drogas que levam à idiotice, à loucura, à morte, os que servem o último copo ou já intoxicado, trazendo-lhe a completa perda do domínio do seu corpo, da sua mente, da sua dignidade. E também esses por aí andam, impunes e regalados, cevados no lamaçal onde chafurdam seus clientes, fartos de um vampirismo exercido à solta.

Ganância! Avidez pelo dinheiro, avidez pelo poder. Erguem-se contra tudo e contra todos, na cegueira de obter as únicas coisas que têm importância para a pobreza de espírito de muita gente.